

ELE VAI FAZER QUALQUER COISA PARA TÊ-LA...
INCLUSIVE MENTIR.

mentiras do
AMOR
essência

Twisted Lies

ANA HUANG



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

ANA HUANG

mentiras do
AMOR

Twisted Lies

ELE VAI FAZER QUALQUER COISA PARA TÊ-LA...
INCLUSIVE MENTIR.

Tradução
Débora Isidoro



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Ana Huang, 2022
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Copyright de tradução © Débora Isidoro, 2024
Todos os direitos reservados.
Título original: *Twisted Lies*

Preparação: Ligia Alves
Revisão: Tamiris Sene e Renato Ritto
Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos
Capa: E. James Designs/ Sourcebooks
Adaptação de capa: Isabella Teixeira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Huang, Ana
Mentiras de amor / Ana Huang; tradução de Débora Isidoro. – São Paulo:
Planeta do Brasil, 2024.
464 p.

ISBN 978-85-422-2926-4
Título original: *Twisted Lies*

1. Ficção norte-americana 2. Literatura erótica I. Título II. Isidoro, Débora

24-4774

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2024
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
01415-002 – Consolação – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Stella

— **STELLA!**

Meu coração disparou. Nada desencadeava tão bem minha reação de fuga ou luta como o som da voz de Meredith.

— Sim? — Escondi o nervosismo com uma expressão neutra.

— Vou confiar em você para levar tudo de volta ao escritório. — Ela vestiu o casaco e pendurou a bolsa no ombro. — Tenho reserva para o jantar e simplesmente não posso perdê-la.

— É...

Ela saiu.

— Claro que levo — concluí.

O fotógrafo interrompeu o que estava fazendo e olhou para mim com as sobrancelhas levantadas. Respondi com um movimento cansado dos ombros. Eu não era a primeira assistente de revista que sofria com uma chefe tirana, e não seria a última.

Houve um tempo em que trabalhar em uma revista de moda teria sido um sonho. Agora, depois de quatro anos na *DC Style*, a realidade do emprego tinha apagado todo o brilho que o cargo um dia tivera.

Quando desmontei o cenário da sessão de fotos, deixei todos os objetos no escritório e comecei a caminhada para casa, minha testa estava coberta de suor, e os músculos ameaçavam se transformar em gelatina.

O sol tinha se posto meia hora antes, e as lâmpadas da rua projetavam uma luz alaranjada nas calçadas cobertas de neve.

A cidade estava sob alerta de nevasca, mas o mau tempo só ganharia força mais tarde, naquela noite. Para mim era mais fácil ir a pé do que pegar o metrô, que colapsava sempre que havia um acúmulo de mais de dois centímetros de neve.

Era de esperar que a cidade fosse começar a se preparar melhor, considerando que nevava todo ano, mas não. Não a capital.

Eu não devia estar olhando o celular enquanto andava, especialmente naquelas condições climáticas, mas não consegui me conter.

Abri o e-mail que recebi naquela tarde e fiquei olhando para ele, esperando as palavras se reorganizarem em alguma coisa menos perturbadora, mas nada acontecia.

A partir de 1º de abril, o valor de um quarto particular no Greenfield Senior Living será reajustado para US\$ 6.500 por mês. Pedimos desculpas antecipadamente por qualquer inconveniente, mas estamos certos de que as mudanças resultarão em um atendimento de ainda mais qualidade para nossos residentes...

O smoothie verde que eu tinha tomado na hora do almoço revirava em meu estômago.

Inconveniente, eles diziam. Como se não estivessem impondo um aumento de mais de vinte por cento no preço de uma instituição de residência assistida. Como se seres humanos vivos e vulneráveis não fossem sofrer por causa da ganância da nova administração.

Inspira, um, dois, três. Expira, um, dois, três.

Eu tentava respirar fundo para superar a ansiedade crescente.

Maura tinha praticamente me criado. Tinha sido ela quem sempre estivera presente para mim, embora agora nem me reconhecesse. Eu *não podia* transferi-la para outra residência assistida. O Greenfield era a melhor na área, e havia se tornado seu lar.

Nenhum dos meus amigos ou familiares sabia que eu pagava pelos cuidados que ela recebia. Eu não queria enfrentar as perguntas inevitáveis que seriam provocadas pela revelação.

Teria que dar um jeito de cobrir o aumento nos custos. Talvez pudesse conseguir mais parcerias, ou negociar valores mais altos para o meu blog e para o Instagram. Em breve teria um jantar com a Delamonte em Nova York, que meu agente dizia que seria uma audição para o posto de embaixadora da marca. Se eu...

— Srta. Alonso.

A voz profunda e rica tocou minha pele como veludo negro e me fez parar. Um arrepio sucedeu a primeira sensação, uma resposta provocada por prazer e alerta ao mesmo tempo.

Eu reconhecia aquela voz.

Só a ouvira três vezes na vida, mas fora o suficiente. Como o homem que era dono dela, era inesquecível.

A desconfiança vibrou em meu peito, e eu a controlei. Virei a cabeça e deixei o olhar percorrer os poderosos pneus de inverno e as linhas elegantes e singu-

lares do McLaren preto parado ao meu lado antes de ver o vidro do passageiro aberto e o dono do carro.

Meu coração parou por uma fração de segundo.

Cabelo escuro. Olhos cor de uísque. Um rosto esculpido com tanta precisão que poderia ter sido criado pelo próprio Michelangelo.

Christian Harper.

CEO de uma empresa de segurança voltada para a elite, proprietário do Mirage, o edifício onde eu morava, e talvez o homem mais bonito e mais perigoso que já conhecera.

Em relação à parte do *perigoso* na minha avaliação, era o que o meu instinto dizia, e a minha intuição nunca falhava.

Respirei fundo discretamente. Soltei o ar. E sorri.

— Sr. Harper. — Minha resposta educada provocou uma reação seca.

Aparentemente, só ele tinha permissão para tratar as pessoas pelo sobrenome, como se todo mundo vivesse em uma gigantesca e abafada sala de reuniões.

Os olhos de Christian registraram os flocos de neve sobre meus ombros antes de voltarem aos meus.

E, de novo, meu coração parou por um instante.

Era como se pequeninos estalos elétricos vibrassem sob a intensidade de seu olhar, e tive que reunir toda a força de vontade disponível para não recuar um passo e me sacudir, tentando espantar a sensação estranha.

— O tempo está ótimo para uma caminhada. — O comentário foi ainda mais seco que seu olhar.

O calor subiu pela minha nuca.

— Não está tão ruim.

Só então notei que a neve caía cada vez mais forte. Talvez a previsão do horário da nevasca estivesse *um pouco* errada.

— Meu apartamento fica só a vinte minutos daqui — acrescentei para... sei lá. Provar que não era uma idiota por estar caminhando pela cidade no meio de uma tempestade de neve, acho.

Pensando bem, talvez devesse ter usado o metrô.

— A nevasca já começou, e tem trechos de gelo cobrindo boa parte das calçadas. — Christian apoiou o antebraço no volante, uma atitude que nem deveria ser tão atraente. — Eu te dou uma carona.

Ele também morava no Mirage, então fazia sentido. Na verdade o apartamento dele ficava no andar acima do meu.

Mesmo assim, balancei a cabeça.

Pensar em ficar sentada com Christian em um espaço confinado, mesmo que por poucos minutos, causava em mim uma estranha sensação de pânico.

— Não se incomode. Você deve ter coisas melhores para fazer do que me carregar, e andar me ajuda a raciocinar com mais clareza. — As palavras saíram em uma torrente. Eu não costumava falar muito, mas, quando começava, nada menor que uma explosão nuclear me faria parar. — É um bom exercício, e preciso testar minhas botas para neve, de um jeito ou de outro. É a primeira vez que estou usando desde o começo da estação. — *Para de falar.* — Então, por mais que eu agradeça a oferta, tenho que recusá-la educadamente.

Terminei meu minidiscursão quase incoerente com uma nota ofegante, sem ar.

Estava ficando melhor nessa coisa de dizer não, mas sempre me explicava demais.

— Isso faz sentido? — perguntei quando Christian continuou em silêncio.

Uma rajada de vento gelado escolheu esse momento para me atingir como um chicote. Ela empurrou o capuz que cobria minha cabeça e atravessou as camadas de roupa até encontrar meus ossos, provocando uma explosão de arrepios involuntários.

Havia suado litros no estúdio, mas agora sentia tanto frio que até a lembrança do calor se tingia de azul, congelada.

— Faz — Christian falou finalmente, com um tom e uma expressão ilegíveis.

— Que bom — murmurei, batendo os dentes. — Nesse caso, vou deixá-lo...

O *clique* suave de uma porta destravando me interrompeu.

— Entra no carro, Stella.

Entrei no carro.

Disse a mim mesma que era porque a temperatura tinha caído uns sete graus em cinco minutos, mas eu sabia que era mentira.

Foi o som do meu nome naquela voz, pronunciado com uma autoridade tão calma, que fez meu corpo obedecer antes que eu conseguisse protestar.

Para um homem que eu mal conhecia, ele exercia mais poder sobre mim que quase todo mundo.

Christian arrancou e girou um botão no painel. Um segundo depois, o calor brotava das grades de ventilação e aquecia minha pele gelada.

O carro tinha cheiro de couro e especiarias caras, e era imaculadamente limpo. Sem embalagens, nem copos descartáveis de café, nem um fiapo de linha solto.

Afundi um pouco mais no assento e olhei para o homem ao meu lado.

— Você sempre consegue tudo o que quer, não é? — perguntei em um tom leve, tentando dissolver a inexplicável tensão que pairava no ar.

Ele olhou rapidamente para mim, antes de se concentrar novamente na rua.

— Nem sempre.

Em vez de se dissipar, a tensão cresceu e invadiu minhas veias. Quente e impaciente, como uma brasa esperando um sopro de oxigênio para ganhar vida.

Missão fracassada.

Virei a cabeça e olhei pelo para-brisa, abalada demais com os eventos daquele dia para continuar tentando conversar.

O nervosismo que subia pelo meu peito e pela garganta não ajudava muito.

Eu deveria ser a pessoa calma, controlada, a que via o reflexo de luz por trás de todas as nuvens e permanecia centrada, qualquer que fosse a situação. Essa era a imagem que tinha projetado durante a maior parte da vida, porque isso era o que se esperava de mim, uma Alonso.

Uma Alonso não tinha ataques de ansiedade, nem passava as noites se preocupando com cada coisinha que poderia dar errado no dia seguinte.

Uma Alonso não fazia terapia, nem lavava a própria roupa suja com a ajuda de um estranho.

Uma Alonso deveria ser perfeita.

Torci o colar em volta do dedo até sentir que ele interrompia a circulação.

Meus pais *adorariam* Christian, provavelmente. Ele era a imagem da perfeição.

Rico. Bonito. Bem-educado.

Eu me ressentia contra isso quase tanto quanto me incomodava com a maneira como ele dominava o espaço à nossa volta, com sua presença permeando cada cantinho e fresta até ser a única coisa na qual eu conseguia me concentrar.

Olhei fixamente para a rua diante de nós, mas o cheiro do perfume dele invadia meus pulmões, e minha pele pulsava com a percepção de como seus músculos se contraíam cada vez que ele girava o volante.

Eu não devia ter entrado no carro.

Além do calor, o único ponto positivo era chegar mais cedo em casa para uma ducha e minha cama. Eu não via a hora...

— As plantas pegaram bem.

Ele fez o comentário de um jeito tão casual e inesperado que demorei vários segundos para perceber que, um, alguém tinha interrompido o silêncio, e dois, esse alguém tinha sido realmente Christian, não um produto da minha imaginação.

— Oi?

— As plantas no meu apartamento. — Ele parou em um farol vermelho. — Pegaram bem.

O que isso tinha a... Ah!

A compreensão foi seguida por um pequeno lampejo de orgulho.

— Fico feliz. — Lancei a ele um sorriso hesitante, agora que a conversa seguia por um caminho seguro, neutro. — Elas só precisam de um pouco de amor e atenção para crescer.

— E água.

O comentário óbvio e direto me surpreendeu.

— E água.

As palavras pairaram entre nós por um momento antes de eu deixar escapar uma gargalhada, e a boca de Christian se distendeu no menor dos sorrisos.

O ar ficou mais leve, finalmente, e o nó em meu peito afrouxou um pouco.

Quando a luz ficou verde, o poderoso ronco do motor quase encobriu o que ele disse a seguir.

— Você tem um toque mágico.

Meu rosto esquentou, mas dei de ombros.

— Eu gosto de plantas.

— É a pessoa perfeita para o serviço, então.

As plantas dele estavam respirando por aparelhos quando aceitei cuidar delas em troca da manutenção do valor atual do meu aluguel.

Depois que minha amiga Jules, que dividia a casa comigo, tinha se mudado no mês passado para ir morar com o namorado, minhas opções eram arrumar outra pessoa para dividir o aluguel ou sair do Mirage, já que eu não tinha como pagar sozinha. Era apegada ao Mirage, mas preferia morar em condições mais modestas a dividir a casa com alguém que não conhecia. Minha ansiedade não saberia lidar com isso.

Christian já havia reduzido o valor do aluguel para nós duas quando fomos visitar o apartamento e confessamos que o preço normal estava fora do nosso orçamento, por isso fiquei chocada quando ele propôs nosso arranjo atual, depois que avisei que poderia deixar o imóvel.

Era um pouco suspeito, mas ele era amigo do marido da minha outra amiga, Bridget, o que me ajudara a aceitar sua oferta. Fazia cinco semanas que eu cuidava das plantas dele, e nada de terrível tinha acontecido. Nunca nem o via quando subia ao apartamento. Eu só entrava, molhava as plantas e saía.

— Como você soube que eu tinha essa habilidade? — Ele poderia ter proposto uma infinidade de tarefas – resolver problemas na rua, cuidar da roupa, fazer limpeza (embora ele já tivesse uma funcionária em tempo integral para isso). O negócio das plantas era estranhamente específico.

— Não soube. — Desinteresse e um fio de alguma coisa imperceptível se misturaram à voz dele. — Foi uma feliz coincidência.

— Você não tem jeito de quem acredita em coincidências.

A falta de sentimentalismo de Christian transbordava em tudo que ele fazia e vestia: nas linhas enxutas do terno, na precisão calma das palavras, no distanciamento frio do olhar.

Eram características de alguém que idolatrava lógica, poder e pragmatismo frio, duro. Nada tão nebuloso quanto coincidências.

Por alguma razão, Christian achou isso engraçado.

— Eu acredito mais do que você pode imaginar.

O tom autodepreciativo atiçou minha curiosidade.

Apesar de ter acesso ao apartamento dele, eu sabia pouquíssimo sobre o cara, o que era irritante. A cobertura era um espetáculo de projeto impecável e luxo, mas os toques pessoais eram poucos, talvez nenhum.

— Dá para ser mais claro? — pedi.

Christian entrou na garagem do Mirage e estacionou em sua vaga perto da entrada dos fundos.

E não me respondeu.

Por outro lado, eu não esperava que ele fosse me responder.

Christian Harper era um homem coberto de boatos e sombras. Nem Bridget sabia muito sobre ele, a não ser a reputação que o precedia.

Seguimos em silêncio até o saguão de entrada.

Christian tinha um metro e noventa e três, treze centímetros a mais que eu, mas eu ainda era alta o suficiente para acompanhar seus passos largos.

Nossos passos ecoavam em perfeita sincronia no piso de mármore.

Eu sempre me sentira constrangida com minha altura, mas a presença poderosa de Christian me envolvia como um cobertor, conferindo segurança e desviando a atenção do meu porte de amazona.

— Chega de andar no meio da nevasca, srta. Alonso. — Paramos diante dos elevadores e nos encaramos. O esboço de sorriso estava de volta, exalando um charme preguiçoso e muita confiança. — Não posso permitir que uma das minhas inquilinas morra de hipotermia. Seria péssimo para os negócios.

Outra gargalhada inesperada escapou da minha garganta.

— Tenho certeza de que em pouco tempo você vai encontrar alguém para me substituir.

Eu não sabia se a leve falta de ar tinha a ver com o frio que ainda persistia em meus pulmões ou se era o impacto de estar tão perto dele.

Não tinha nenhum interesse romântico em Christian. Não tinha interesse romântico *em ninguém*; a revista e o blog tomavam todo o meu tempo, e não podia nem pensar em namorar.

Mas isso não significava que era imune à presença dele.

Alguma coisa cintilou nos olhos cor de uísque e desapareceu em seguida.

— Pouco provável.

A falta de ar moderada transformou-se em algo mais intenso que estrangulou minha voz.

Cada frase que saía de sua boca era um código que eu não conseguia decifrar, com um significado oculto que só ele entendia, enquanto eu era forçada a tatear no escuro.

Já tinha conversado com Christian três vezes na vida: uma quando assinei o contrato de aluguel, outra no casamento de Bridget, de passagem, e uma última quando discutimos minha situação depois da saída de Jules.

Nas três vezes, tinha saído da conversa mais perturbada que antes.

Do que estávamos falando mesmo?

Fazia menos de um minuto que ouvira a resposta de Christian, mas foi um minuto tão lento que poderia ter sido uma eternidade.

— Christian.

Uma voz profunda, com um leve sotaque, cortou o fio que mantinha nosso momento em suspensão.

O tempo voltou à cadência normal, e minha respiração saiu do peito em um sopro rápido, antes de eu virar a cabeça.

Alto. Cabelo escuro. Pele morena.

O recém-chegado não tinha uma beleza clássica como a de Christian, mas preenchia o terno Delamonte com uma masculinidade tão selvagem que era difícil desviar o olhar.

— Espero não estar interrompendo nada. — Terno Delamonte olhou rapidamente em minha direção.

Eu nunca me sentira atraída por homens mais velhos, e ele devia ter entre trinta e cinco e quase quarenta, mas *uau*.

— De jeito nenhum. Chegou bem na hora. — Uma nota de irritação endureceu a resposta educada de Christian. Ele se colocou na minha frente, me impedindo de ver Terno Delamonte e vice-versa.

O outro homem levantou uma sobrancelha, antes de deixar cair a máscara de indiferença e sorrir.

Ele passou por Christian a passos determinados, quase como se debochasse dele, e estendeu a mão.

— Dante Russo.

— Stella Alonso.

Esperei ele apertar minha mão, mas ele a beijou de leve, o que me surpreendeu.

Vindo de qualquer outra pessoa teria sido desagradável, mas senti um arrepio de prazer.

Talvez fosse o sotaque. Eu tinha uma fraqueza por tudo que era italiano.

— Dante. — Por trás da aparente calma na voz de Christian havia uma lâmina afiada o bastante para atravessar um osso. — Estamos atrasados para nossa reunião.

Dante parecia indiferente. A mão descansou na minha por mais um segundo antes de ele a soltar.

— Prazer, Stella. Tenho certeza de que vamos nos ver por aí. — O sotaque marcado tinha uma sugestão de riso.

Desconfiei de que o humor não tinha a ver comigo, mas com o homem que nos observava com um olhar gelado.

— Obrigada. O prazer foi meu. — Quase sorri para Dante, mas algo me dizia que não seria uma atitude inteligente neste momento. — Tenha uma boa noite. — Olhei para Christian. — Boa noite, sr. Harper. Obrigada pela carona.

Acrescentei uma nota bem-humorada à voz, esperando que a alusão à nossa absurda formalidade mais cedo rompesse a dureza de sua expressão de granito.

Mas ele se limitou a inclinar a cabeça.

— Boa noite, srta. Alonso.

Certo, então.

Deixei Christian e Dante no saguão, expostos aos olhares de admiração de quem passava por lá, e peguei o elevador para o meu apartamento. Considerando o limite de altura dos edifícios de Washington, era o mais próximo de uma cobertura que eu poderia ter sem me mudar para a unidade de Christian no décimo primeiro andar, um acima do meu.

Não sabia o que causara a repentina mudança de atitude de Christian, mas tinha preocupações suficientes sem acrescentá-lo à lista.

Abri a bolsa e tentei encontrar minha chave em meio à confusão de maquiagem, recibos e presilhas de cabelo.

Precisava organizar melhor esta bolsa.

Depois de vários minutos procurando, meus dedos tocaram a chave de metal.

Eu a tinha introduzido na fechadura quando um arrepio familiar percorreu minha pele e eriçou os cabelos em minha nuca.

Virei a cabeça bruscamente.

Não havia nenhum outro sinal de vida no corredor, mas o ruído baixo da vibração do sistema de aquecimento de repente assumira um tom sinistro.

Lembranças de bilhetes digitados e fotos espontâneas me deixaram ofegante, antes de eu piscar e afastar as imagens da cabeça.

Deixa de ser paranoica.

Eu não morava mais em uma casa velha e sem segurança perto do campus. Estava no Mirage, um dos edifícios residenciais mais protegidos da capital, e não tinha notícias *dele* fazia dois anos.

As chances de ele aparecer aqui, entre todos os lugares, eram quase nulas.

Mesmo assim, a urgência rompeu o feitiço que paralisava minhas pernas. Destranquei a porta rapidamente, entrei e a tranquei de novo. As luzes se acenderam quando virei o trinco.

Só consegui relaxar depois de fazer uma vistoria completa e confirmar que não havia nenhum invasor no meu closet ou embaixo da cama.

Estava tudo bem. *Ele* não tinha voltado, e eu estava segura.

No entanto, apesar de tentar me tranquilizar, uma pequena parte minha não conseguia superar a sensação de que meu instinto estava certo, *tinha* alguém me espiando no corredor.